

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, M. Baumann (Orgs.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Pallas, 2009.

FELIPE DOMINGUES DOS SANTOS*

A escola e a favela é uma coletânea de artigos organizada pelos professores do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio Angela Randolpho Paiva e Marcelo Baumann Burgos, que trata de diversas questões relacionadas à temática da escola pública, enfocando, particularmente, os efeitos da segregação urbana sobre o processo escolar.

Os oito artigos que compõem o livro apresentam diferentes leituras do material empírico produzido pela pesquisa em quatro áreas diferentes na cidade do Rio de Janeiro. Os artigos estão organizados em duas partes: a primeira apresenta a pesquisa em seu conjunto, mas de diferentes pontos de vista.

Assim, pode-se ver como o efeito exercido pela favela recai sobre a escola pública em função da sua proximidade com o tráfico de drogas, que permeia o modelo de sociabilidade na escola, conforme é tratado no primeiro capítulo, de Angela Paiva.

O capítulo 2, de Marcelo Burgos, examina o que ele chama de *efeito-favela* sobre a rotina escolar, considerando as representações dominantes, entre professores e diretores de escolas públicas situadas em favelas na Zona Sul carioca, acerca do universo da família e da vizinhança do seu alunado, e aponta para os limites da relação ensino-aprendizado, diante das condições sociais em que se encontra este segmento da população brasileira.

O capítulo 3, de Sarah Telles, é voltado para uma diferente área da cidade e busca dar conta da relação entre o *efeito-favela* sobre as expectativas

* Doutorando em Antropologia pelo PPGA/UFF e pesquisador vinculado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC) e ao Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (Nufep/UFF).

de mobilidade social deste segmento de classe popular, atentando para o significado do investimento escolar para estas famílias.

A segunda parte do livro consiste em reinterpretações do material coletado para a pesquisa através de indicadores estatísticos, como no artigo de Samara Mancebo, que busca apontar as mudanças na educação pública brasileira na última década. O artigo de Fernanda Ribeiro volta-se para o estudo das continuidades e descontinuidades das representações sobre “a escola e a favela”, ao comparar uma pesquisa realizada na década de 1950 com a pesquisa realizada para este livro.

No capítulo 3, de Julia Ventura, é discutida a relação entre o projeto escolar e a percepção dos professores sobre as expectativas dos alunos acerca da mobilidade social, considerando o *efeito-favela* exercido sobre a escola.

Em seguida, é discutido por Renata Salomone o papel da escola pública como integradora de distintos grupos que fazem parte da vida na cidade, diante do caráter *desagregador* do *efeito-favela* sobre a rotina escolar, e de como se dá a práxis pedagógica neste contexto.

Por fim, o trabalho de Ana Penha e Maria Figueiredo recorta o material da pesquisa, procurando identificar as dimensões em que o tráfico e a milícia interferem na rotina escolar, bem como na percepção que os professores constroem sobre os seus alunos.

Dessa forma, o livro busca mostrar o papel da escola pública em uma cidade marcada pelos processos de segregação urbana e como este processo acaba interferindo tanto nas representações que os professores têm dos seus alunos, como na sua própria prática pedagógica.

A questão territorial tem aqui uma dimensão importante no que diz respeito à influência que exerce sobre certas instâncias de reprodução da vida social; neste caso, a escola pública. Assim, esta instituição é tomada como laboratório para o estudo do que os autores chamam de *efeito-vizinhança*,¹ visto como um dos aspectos da segregação urbana nas grandes metrópoles contemporâneas.

Contudo, este livro volta-se, também, para a escola como instituição capaz de atenuar as desigualdades sociais ao promover condições universais de acesso à cidadania, através da educação.

Conforme a abordagem proposta, as escolas públicas situadas nas favelas apresentam certas especificidades, uma vez que se encontram em um lugar socialmente segregado por razões econômicas e/ou culturais e

¹ As palavras em itálico correspondem a termos dos pesquisadores, enquanto as palavras entre aspas correspondem aos termos ou às ênfases pessoais do autor.

onde o *efeito-vizinhança* exercido sobre a sala de aula afeta o desempenho dos alunos, bem como dificulta o trabalho pedagógico dos professores, de acordo com seus depoimentos, contribuindo para a reprodução das condições sociais deste segmento de classe popular.

Sendo a maior parte dos alunos de tais escolas públicas recrutada a partir das favelas e do seu entorno, o alcance do seu papel institucional está atrelado a um segmento da população que não tem como principal instância de reprodução social a escola, o que acarreta determinadas consequências para o “trabalho de instituição” desempenhado na e pela escola pública, em vista de um projeto de transformação social e de melhoria de suas condições de vida.

A pesquisa qualitativa, da qual este trabalho faz parte, foi feita em escolas públicas e em ONGs que realizam projetos sociais para atender a crianças e adolescentes moradores de favelas de diferentes regiões do Rio de Janeiro.

Neste contexto, foram realizadas entrevistas com 42 professores e 9 diretores de 10 escolas públicas de ensino fundamental, além de “educadores”, 20 lideranças e 16 monitores dentre os 19 projetos sociais ligados a algumas das escolas estudadas, buscando compreender como ocorre a escolarização de um certo público, dado o baixo capital cultural de suas famílias e a precariedade de suas condições de vida, enquanto habitantes de espaços socialmente segregados no meio urbano da cidade do Rio de Janeiro.

O objeto central deste livro é o exame das representações de tais atores sobre o efeito da proximidade física e social da favela sobre a atividade escolar, embora os próprios alunos ou mesmo seus familiares não tenham sido diretamente contemplados nesta pesquisa.

Os textos demonstram não ser só a escola na favela que é exclusivamente impactada pela desigualdade estrutural que caracteriza a sociedade brasileira e a forma como ela repercute nos níveis básicos de educação no país.

Se, como na visão dos professores entrevistados para este livro, a carência de recursos de todos os tipos é comum a muitas escolas públicas dentro e fora das favelas, nela se acentua “porque aí se concentram todos os problemas da nossa questão urbana: a violência, a falta de planejamento habitacional e a presença precária do Estado”, no que tange à promoção de certos direitos como o acesso à educação, saúde, segurança e lazer (PAIVA, p. 28, 2009).

A favela é, assim, na concepção de professores e diretores, um meio social que tende a constrangir o espaço institucional da escola, dificultando o

trabalho de instrução e de socialização neste contexto, principalmente em função do tráfico de drogas.

Segundo um professor, entrevistado por Paiva, os alunos das escolas nas favelas estão permanentemente expostos à convivência com o tráfico de drogas, inclusive em vista do envolvimento dos seus próprios *responsáveis*. Nos casos em que esses últimos estão presos, alguns jovens alunos são *obrigados* a sair da escola para ocupar espaço no mercado de trabalho, o que significa ingressar no tráfico de drogas (PAIVA, 2009, p. 41).

Desse modo, a escola na favela, na opinião dos professores que nela atuam, é caracterizada pela sociabilidade permeada pelo tráfico de drogas e que interfere no funcionamento de tais escolas públicas, ainda que esta instituição goze de autonomia reconhecida pelo próprio tráfico; ele se impõe a sua rotina, na medida em que escolas são fechadas ou invadidas em situações de confronto entre facções ou entre a polícia e o comando local, por exemplo. O tráfico de drogas faz parte do cotidiano de tais alunos, inclusive por meio da sua relação com familiares e vizinhos, conforme mencionado na entrevista anterior.

Daí, toda a dificuldade de realização de um trabalho pedagógico em sala de aula, tal como podemos acompanhar na fala de alguns professores. Para eles, os alunos não veem sentido naquilo que aprendem.

Os professores também dizem sentirem-se despreparados para atender às demandas de alunos que extrapolam os limites das salas de aula. Por sua vez, segundo os mesmos, os alunos não se sentem desafiados a persistir diante das dificuldades, sabendo que irão passar ou com a aprovação automática ou com uma avaliação precária.

Além disso, há a falta de valorização escolar por parte dos pais ou responsáveis que também contribui para o desinteresse dos alunos, sem falar na estrutura física das escolas, que dificulta a realização de um trabalho pedagógico mais atraente.

Diante de tais condições sociais, surgem as ONGs, que atuam nas favelas e procuram atender as demandas advindas de uma escola que “tem dificuldade de fornecer o básico para que um mínimo de competências seja assegurado aos alunos das escolas nas favelas” (PAIVA, p. 47, 2009).

Mas os projetos sociais desenvolvidos por tais organizações têm como foco a construção da cidadania entre os jovens moradores de favelas, por meio de atividades ligadas à cultura, ao esporte ou a um aprendizado que o qualifique para o mercado de trabalho, como uma “alternativa” ao tráfico

de drogas.² Apesar disso, não fica claro, ao longo do livro, até que ponto os agentes de tais projetos sociais conseguem atingir os objetivos por eles instituídos profissionalmente.

A percepção negativa que os professores têm da escola na favela liga-se ao seu público e à sociabilidade mediada pelo tráfico de drogas que produziria efeitos negativos sobre os alunos, aqueles caracterizados pelos professores como *agressivos, inquietos, dispersivos*.

Contudo, não há diferenças significativas nas formas de representação do alunado, pelos professores e diretores de escolas públicas situadas em favelas na Zona Sul ou no subúrbio do Rio de Janeiro, dada a forma relativamente homogênea como a “favela” é por eles representada. Embora, como nos mostra uma pesquisa encomendada pela prefeitura do Rio de Janeiro, feita com diretores de escolas públicas situadas em favelas na Zona Sul da cidade,³ área que, apesar de ser relativamente mais abastada do que as demais favelas localizadas nos subúrbios, lá o desempenho do alunado seja mais fraco do que nas outras regiões, assim como a percepção da violência interna e externa à escola é mais marcada neste contexto.

No entanto, segundo Burgos (2009),

[...] Da falta de estrutura familiar adviriam sérios problemas que não apenas subtraem da escolarização o complemento pedagógico que a família costuma oferecer às escolas particulares de classe média, mas também o mínimo de organização e disciplina capaz de assegurar que a criança frequente a escola, expondo-se de forma continuada e sistemática à socialização que ela oferece (p. 69).

Neste sentido, a relação do alunado com sua família e vizinhança, assim como a pouca integração entre as escolas públicas e as famílias desses jovens moradores de favelas, pode ser exemplificada através do relato de uma professora que, ao marcar uma reunião com pais de 40 alunos, somente conta com a presença de três deles. Para a diretora de uma segunda escola, “não há muito interesse dos pais. Tem pai que chega aqui e não sabe em que série o filho está” (p. 82). Conforme seu relato, muitas vezes, é preciso recorrer ao Conselho Tutelar para obrigar a presença dos pais na escola.

² A participação nestes projetos está condicionada à frequência à escola. Muitas ONGs, inclusive, têm como objetivo fazer com que a criança ou o adolescente que não está na escola retorne a ela. (PAIVA, p. 48, 2009).

³ CAVALLIERI, Fernando; CARNEIRO, Alcides. *Aos mestres com reconhecimento*. Como os educadores enfrentam a violência carioca de cada dia. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do RJ, 2002. (Coleção Estudos da Cidade). Segundo Burgos (2009, p. 61), tal informação provém desta pesquisa. Contudo, ela é aqui usada como um dado de terceira mão.

Enfim, há o trabalho das ONGs, nas escolas situadas nas favelas, que é valorizado pelos professores como mais uma esfera de realidade socialmente construída pela qual os alunos transitam e interagem no seu cotidiano, além do universo da “família” e da “escola pública”, embora tenham dificuldade em reconhecer o papel desses agentes sociais como “educadores”.

Por outro lado, “os de dentro”, ou seja, os “educadores” moradores da favela também percebem sua ação como um contraponto às “coisas ruins da favela”, [e] sempre pontuam que a realidade da favela é mais plural do que se costuma perceber fora dela, salientando que ela própria detém energia cívica capaz de apresentar outras possibilidades e outros caminhos (BURGOS, 2009, p. 106).

Neste contexto, há “os de fora”:

De um lado, há a liderança local tradicional, geralmente ligada à associação de moradores, especializada em captar recursos externos para a realização de projetos sociais na favela; e de outro, esse novo ator que são as ONGs especializadas na realização de projetos específicos e que, cada vez mais, concorrem no competitivo mercado do chamado Terceiro Setor (BURGOS, 2009, p. 107).

É neste contexto, portanto, que se dá o ensino e o aprendizado nas escolas públicas, tomadas como parte desta análise, e a resistência que seu alumnado lhes impõe. Pois tal escola não é pensada para este público e, apesar dos esforços dos professores, eles acabam resultando em um conflito de valores sobre o papel da escola pública e sua importância como meio de mobilidade social e forma de acesso à cidadania.

REFERÊNCIAS

BURGOS, Marcelo Baumann. Escola e projetos sociais: uma análise do “efeito favela”. In: PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, M. Baumann (Orgs.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Pallas, 2009.

PAIVA, Angela Randolpho. Cidadania e formas de solidariedade social na favela. In: PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, M. Baumann (Orgs.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Pallas, 2009.

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, M. Baumann (Orgs.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Pallas, 2009.